

FRASES DO DIA

“

Fernando Santos

JORNALISTA

Quase não há dia em que a Justiça não se descredibilize. É muita fruta para um estado de direito democrático.

EM "O JOGO"

“

Vasco Pulido Valente

HISTORIADOR

Marcelo não se engana. A degradação do PSD anda perto do irremediável.

NO "PÚBLICO"

ELIAS, O SEM-ABRIGO R. Reimão e Aníbal F.

ONTEM FOI
SEXTA-FEIRA
13...E HOJE
É DIA
DOS NAMORADOS...INFELIZMENTE
UM AZAR.
NUNCA VEM SÓ.O mau uso
do Português**ALICE VIEIRA**
ESCRITORA

Pronto, lá vou eu bater outra vez no ceguinho do costume, mas que é que querem, estas questões do mau uso da nossa língua, ou de um certo desamor com que ela é tratada - a sério que me tiram do sério (como se diria certamente numa qualquer telenovela brasileira onde, regra geral, se fala bem melhor Português do que nas nossas...)

Eu sei que para a maior parte das pessoas isto não tem importância rigorosamente nenhuma, não nos vai tirar da crise, não vai resolver o problema do desemprego, nem sequer nos protege do buraco do ozono.

Mas a língua portuguesa é património nacional - e se andamos sempre todos tão entusiasmados em votações para eleger o melhor monumento, ou a maior maravilha do Mundo, por que não nos lembramos de defender com igual vigor a utilização correcta da língua que, afinal, é o que a todos nos une?

Basta ler os jornais e revistas, basta ouvir o que se diz nas televisões, basta ler legendas em filmes ou séries, basta ouvir o discurso de pessoas com responsabilidades na matéria para percebermos a que ponto vai o descalabro.

Ainda há dias o jornalista Joaquim Vieira, provedor dos leitores do "Público", enchia uma página inteira só de reparos a mau Português usado naquele jornal. É caso para dizer, nunca as mãos lhe doam...

Foi exactamente o que eu pensei há dias quando, sentada na plateia do Coliseu, no intervalo da "Giselle", interpretada pelo Ballet Nacional da Moldávia, comecei a folhear o programa do espectáculo.

Papel couché, brilhante, oito folhas com meia dúzia de fotografias e pouco texto.

Quem quis o programa teve de dar por ele 4 euros, que a vida está difícil para todos.

Claro que o programa de um espectáculo não tem as mesmas responsabilidades de um jornal, mas, caramba!, tínhamos pago 4 euros por ele (mais do que por um programa habitual dos concertos da Gulbenkian, e esses sempre com muita e cuidada informação), o mínimo que devíamos exigir era um texto em Português escorreito.

Infelizmente, não encontrei em lado algum o nome do seu autor, e tive pena.

Logo a começar, Adolphe Adam é-nos apresentado como "um proliferação compositor", o que não augura nada de bom.

Depois, no libreto, ficamos a saber que o príncipe se transforma em camponês "sobre o pseudónimo de Loys".

Uma das personagens - dizem-nos também - é descoberta "no linear da meia-noite".

A qual, no fim de tudo, acaba por sucumbir de "exaustam".

Dir-me-ão: ah, afinal há só quatro erros...

Respondo: não devia haver nenhum.

Dir-me-ão outra vez: ah, se calhar o texto estava escrito em Moldavo...

Respondo: se calhar estava mas, uma vez que tinha de ser traduzido, a tradução devia ter sido feita com rigor.

E, já agora, com um revisor competente.



Prioridades

Opinião

**PAULO BALDAIA**
DIRECTOR DA TSF

Perante a mais grave crise de que qualquer um dos vivos tem memória, o senhor presidente da República propõe-nos a todos, e ao Governo em particular, uma escolha criteriosa das prioridades. Não é tarefa fácil, porque cada um julga ter a razão do seu lado, mas o conselho é da maior utilidade. Na linha do que pede Cavaco Silva, atrevo-me a dar dois conselhos aos políticos, ou melhor a estabelecer duas prioridades.

Para o mais complicado dos problemas devemos procurar sempre a mais simples das soluções. Nesta crise que nos deprime, que nos assusta, que quase nos paralisa, é a vontade que devemos procurar. Vontade de dar a volta por cima, acreditando que passada a tempestade virá a bonança. Mas é, acima de tudo, a vontade de trabalhar que nos pode garantir um futuro melhor. Prioridade número um: trabalhar.

Chega de conversa. Não procuremos soluções milagrosas, não aceitemos apenas a discussão, temos de exigir acção. Exigir aos governos de todo o Mundo, e ao nosso também, que promovam o trabalho, porque só ele garante empregos. Não aceitemos passar por esta crise egoisticamente, esperando que o pior - o desemprego - não bata na nossa porta.

É só trabalhar. Os que têm emprego vão ter de trabalhar mais e melhor para garantir o posto de trabalho, mas também porque essa é a única forma de garantir que aqueles que o perderam vão poder regressar rapidamente ao mercado de trabalho. É uma exigência social, um dever de solidariedade com os que a crise empurra para a valeta.

E o nosso Governo tem também de perceber claramente que não pode deixar desamparados os que agora procuram uma luz ao fundo do túnel. Não chega atribuir subsídios de desemprego, é absolutamente necessário preparar essa legião para os tempos de bonança. Quando o mercado de trabalho voltar a incluir em vez de excluir, como agora acontece, é preciso que a força de trabalho esteja preparada para ser mais produtiva.

Teremos este ano, seguramente, bem mais de meio milhão de portugueses sem emprego e é preciso tudo fazer para garantir que essas pes-



FRANCISCO PROVIDÊNCIA

soas vão voltar ao mercado de trabalho com mais formação. Esse é o grande desígnio que emerge desta crise. Ser capaz de tornar o país mais produtivo só é possível se o Estado português souber aproveitar os milhões que chegam de Bruxelas para nos tornar a todos mais úteis às empresas, que são a base da economia.

Agora estamos em recessão geral, mas estamos também no limite dos limites das desigualdades sociais. Um quinto do Planeta está incomparavelmente mais rico ano após ano, enquanto os outros quatro quintos vão ficando mais pobres. Prioridade número dois: promover a justiça social.

Trabalhar mais é produzir mais e o que se exige aos políticos é que sejam capazes de produzir mais igualdade. E o que hoje é preciso criar é a igualdade de oportunidades no mercado de trabalho. É preciso também garantir que o fosso entre os que mais ganham e os de salários mais baixos não continua a crescer. Ninguém é suficientemente bom, na mesma empresa, para ganhar 30 vezes mais que o funcionário mais mal pago.

A teoria de que cada um vale o que o mercado for capaz de lhe pagar só é válida se o mercado tiver regras justas e transparentes. Lutemos para que não volte a ser possível que uns tenham tudo e outros não tenham nada. Aceitemos que o mérito e o trabalho sejam premiados sem que isso sirva de desculpa para mais injustiças. Saibamos ser solidariamente mais ambiciosos, o dinheiro não pode ser a primeira das prioridades.